

PRIMEIRA PARTE

CARTA 1

DE CÉCILE VOLANGES PARA SOPHIE CARNAY
NO CONVENTO DAS URSULINAS DE...

Vê, minha amiga querida, como cumpro minha palavra, como não dedico meu tempo apenas aos chapéus e aos enfeites? Terei sempre muito tempo para você. No entanto, somente hoje fui ver mais vestidos do que nos quatro anos que passamos juntas. Acho que a empertigada Tanville* terá maior desgosto na minha próxima visita, quando com certeza vou pedir para vê-la, do que o desgosto que imaginou ter-nos causado sempre que vinha visitar-nos toda vestida de gala. Mamãe me consulta sobre tudo. Agora, deixou de ver-me apenas como uma menina que vivia internada num convento, tal como fazia antes. Por exemplo, passei a ter uma camareira só para mim e disponho de um quarto de dormir e de um gabinete com uma escrivaninha muito bonita, de onde lhe escrevo. A chave me foi entregue. Assim, posso nela deixar trancado tudo o que quero. Mamãe me disse que a verei todos os dias de manhã, logo após ela despertar, e que eu só precisaria estar penteada para o almoço, pois estaríamos sempre apenas entre nós duas, e que, então, ela me dirá todos os dias a que horas deverei encontrá-la à tarde. O resto do tempo está à minha disposição. Pratico harpa, desenho e leio meus livros, tal como no convento; só que a Irmã Perpétue não está aqui para ralhar comigo, e depende apenas de mim ficar sem fazer nada. Porém, como não tenho aqui a minha Sophie para conversarmos e rirmos juntas, gosto de manter-me ocupada com uma coisa ou outra.

Ainda não são cinco horas. Devo ir encontrar mamãe às sete. Tenho, pois, muito tempo. Ah! Se eu tivesse algo de concreto para contar a você! Mas ainda não me disseram nada.

* Interna no mesmo convento. (N.A.)

Não fossem as preparações que vejo fazerem e a grande quantidade de costureiras que vem me ver, poderia supor que nem sonham em casar-me. Tudo não passaria de mais uma brincadeira sem graça da boa Joséphine*. Mas como mamãe me diz a toda hora que uma moça deve ficar internada num convento até que se case, e como agora me deixou sair daí, acho que Joséphine deve ter toda a razão.

Uma carruagem acaba de parar à nossa porta. Mamãe mandou dizer-me que devo ir a seus aposentos imediatamente. E se fosse o tal senhor? Ainda não estou arrumada. Minhas mãos estão tremendo e meu coração bate forte. Perguntei à camareira se sabia quem estava com minha mãe: “Sim”, disse-me, “é o senhor C...”, e riu-se. Ah! Acho que deve ser meu prometido. Volto mais tarde para contar o que aconteceu. Pelo menos você já sabe seu nome. Não devo fazer-me esperar. Adeus e até breve.

Como você vai rir de sua pobre Cécile! Ah! Comportei-me vergonhosamente. Mas você também cairia nessa armadilha. Ao entrar nos aposentos de mamãe, vi um senhor vestido de preto, de pé a seu lado. Cumprimentei-o da melhor maneira que pude e fiquei imóvel em meu lugar. Você pode imaginar como eu o examinava com os olhos! “Senhora!”, disse ele à minha mãe ao saudar-me, “que senhorita encantadora. Sinto como nunca, senhora, o empenho de sua bondade”. Diante dessa manifestação tão direta, fui tomada de um tal tremor, que não podia controlar-me. Arrastei-me até uma poltrona, onde me sentei, muito corada, sem saber o que fazer. Mal me instalara e o senhor já estava a meus pés. Sua pobre Cécile perdeu a cabeça. Fiquei, como disse depois mamãe, completamente apavorada. Levantei-me, dando um grito agudo.... Você se lembra? Como no dia do raio. Mamãe deu uma grande risada: “Então, o que você tem? Sente-se e mostre o pé a esse senhor”. Na verdade, querida amiga, era o sapateiro. Não posso lhe explicar como me senti envergonhada. Por sorte, apenas mamãe estava lá. Penso que, depois de me casar, não vou ter mais esse sapateiro.

Bem, admita que com isso nós duas ficamos mais experientes! Adeus. Já são quase seis horas. A camareira me diz

* Irmã do convento das ursulinas que mantinha contato com o mundo exterior. (N.A.)

que devo me vestir. Adeus, minha querida Sophie. Gosto de você como se ainda estivesse no convento.

P.S.: Não sei por quem poderei enviar esta carta. Por isso, devo esperar que Joséphine venha nos ver.

Paris, 3 de agosto de 17**.

CARTA 2

DA MARQUESA DE MERTEUIL PARA O VISCONDE DE VALMONT NO CASTELO DE...

Volte, meu caro visconde, volte a Paris! O que faz você, o que ainda poderá fazer ao lado de uma tia velha que já o fez herdeiro de toda a sua fortuna? Venha imediatamente! Eu preciso de você. Tive uma idéia excelente, cuja execução muito estimaria confiar-lhe. Estas poucas palavras deveriam ser o suficiente: honrado com minha escolha, você deveria vir, com pressa e interesse, receber de joelhos minhas ordens. Mas você está abusando de meus favores, mesmo depois de não mais querer deles beneficiar-se... Por isso, tendo eu de optar entre o ódio eterno e a excessiva compreensão, você tem muita sorte que minha bondade tudo supere. O que eu desejava era calmamente informá-lo sobre um plano meu. Contudo, jure-me que, como fiel cavalheiro, não vai entregar-se a nenhuma outra aventura antes que esta que lhe proponho chegue ao fim. É digna de um herói. Você vai servir ao amor e à vingança. Enfim, será uma patifaria* a mais, para que conste em suas memórias, sim, em suas memórias, pois desejo um dia vê-las impressas. Eu própria vou encarregar-me de escrevê-las. Mas deixemos as memórias de lado e voltemos ao que nos interessa.

A sra. de Volanges vai casar a filha. Trata-se ainda de um segredo, confidenciou-me ontem. E quem você pensa que ela escolheu para genro? O Conde de Gercourt. Quem diria que me tornaria prima de Gercourt? Isso me deixou enfurecida!... E então! Você ainda não adivinhou? Que inteligência mais lenta! Você já perdoou a aventura do conde com a prefeita? E eu? Não tenho ainda mais queixas quanto a ele que você,

* As palavras *patife* e *patifaria*, cujo uso a boa sociedade começa a deixar de lado, eram muito empregadas no tempo em que estas cartas foram escritas. (N.A.)

monstro?*

No entanto, acalmo-me: a esperança de vingar-me torna minha alma outra vez serena.

Você se irritou cem vezes, tanto quanto eu, com a intocabilidade que Gercourt atribui à sua futura mulher e com a tola presunção que o faz crer que poderá evitar o inevitável. Você conhece bem sua opinião totalmente ridícula a favor da educação das moças na clausura dos conventos e seu preconceito, mais ridículo ainda, de que as loiras são recatadas. Na verdade, aposto que, apesar da renda de sessenta mil libras da pequena Volanges, ele jamais aceitaria desposá-la se ela tivesse os cabelos castanhos ou se não tivesse sido educada num convento. Vamos então provar-lhe que ele não passa de um idiota iludido. Com certeza, assim deverá ser considerado. Mas não é isso que me interessa. Divertido seria se logo depois de casar-se fosse tachado de idiota. Como nos riríamos depois, esperando vê-lo vangloriar-se da pureza de sua mulher, porque ele vai fazer isso! E então, se você “treinar” essa jovem, será grande falta de sorte se Gercourt não se transformar, como tantos outros, no centro das galhofas de Paris.

Finalmente, a heroína deste novo romance merece todo o seu interesse: é realmente muito bela! Tem apenas quinze anos de idade, é um botão de rosa; mas, para dizer a verdade, é desajeitada como ninguém é capaz de ser e nada mundana. De qualquer maneira, vocês, os homens, não se importam com esses aspectos. Ademais, ela possui um olhar algo langoroso, que promete muito. Por fim, junte a tudo isso o fato de ser eu quem a está recomendando. Em suma, você não tem mais nada a fazer senão agradecer-me e obedecer-me.

Você receberá esta carta amanhã de manhã. Exijo que amanhã às sete horas da noite esteja em minha casa. Não receberei ninguém até às oito, nem mesmo meu cavaleiro: ele é muito pouco inteligente para um assunto de tão grande importância. Você bem vê que o amor não me cega. Às oito horas

* Para bem entender essa passagem, é preciso saber que o Conde de Gercourt havia deixado a Marquesa de Merteuil pela Prefeita de..., que havia abandonado o Visconde de Valmont pelo conde mencionado. Foi justamente nesse período que o visconde e a marquesa se envolveram amorosamente um com o outro. Como esse relacionamento entre os dois foi muito anterior aos acontecimentos que são tratados nestas cartas, achamos melhor suprimir toda a correspondência a esse respeito. (N.A.)

devolverei sua liberdade, mas você vai retornar às dez, para jantar com o belo alvo de nosso plano, pois tanto a mãe como a filha jantarão aqui. Adeus, já passou do meio-dia. Daqui a pouco não posso mais lhe dar atenção.

Paris, 4 de agosto de 17**.

CARTA 3

DE CÉCILE VOLANGES PARA SOPHIE CARNAY

Ainda não sei de nada, minha querida amiga. Mamãe recebeu ontem muitos convidados para jantar. Apesar do interesse que tive em observá-los, sobretudo os homens, aborreci-me bastante. Homens e mulheres, todos não paravam de me olhar e, depois, de cochichar. Via claramente que falavam de mim. Isso me fazia corar, não podia impedi-lo. Queria ter me controlado, pois notei que, ao serem olhadas, as outras mulheres não coravam. Talvez tenha sido o ruge que elas estavam usando que impediu que se visse como estavam envergonhadas, pois deve ser muito difícil não corar quando um homem olha você fixamente nos olhos.

O que mais me inquietava era não poder saber o que pensavam a meu respeito. Contudo, creio ter ouvido, umas duas ou três vezes, a palavra *linda*. Mas ouvi muito claramente a palavra *desajeitada*. Deve ser verdade. A mulher que disse isso é parenta e amiga de mamãe. Logo depois, pareceu-me que ela queria ser minha amiga. Foi a única pessoa que trocou algumas palavras comigo durante toda a noite. Amanhã vamos jantar em sua casa.

Depois do jantar, ouvi um homem, que também falava de mim, dizer a outro convidado: “Vamos deixá-la amadurecer. No inverno veremos”. Talvez seja ele meu prometido esposo. Então, se for assim, faltam ainda quatro meses! Queria tanto saber o que já foi combinado a meu respeito!

Joséphine acabou de entrar no meu gabinete para me dizer que está com pressa. Mas queria contar a você outra de minhas gafes. Ah, aquela senhora deve ter razão!

Depois do jantar, os convidados começaram a jogar cartas. Sentei-me ao lado de mamãe. Não sei o que aconteceu, mas adormeci quase imediatamente. Uma grande gargalhada me acordou.